

Obras de José Marinho

Volume IX

Teoria do Ser e da Verdade

I

Edição de Jorge Croce Rivera



APRESENTAÇÃO

EM HOMENAGEM
A
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA

*P*eça central das “Obras de José Marinho”, Teoria do Ser e da Verdade é o volume mais complexo do presente projecto editorial, pois, ao mesmo tempo que reedita o livro que sintetiza o cerne especulativo da reflexão do filósofo, apresenta um conjunto de textos inéditos que permite reconhecer a génese da obra. Desdobrando-se em três tomos, a extensão do volume contrasta com a brevidade do livro publicado em 1961, procurando elucidar o complexo processo de concepção e de exposição do pensamento, que se demorou entre 1943 e 1960.

Intento especulativo longamente meditado, a Teoria apresenta-se, na discreta badana da capa da edição de 1961, como uma “ontologia pura”, estruturada pelo “pensamento puro”:

“O livro apresenta-se como problemática interrogativa sobre os temas da ontologia pura. Inserindo-se por um lado, mais intemporalmente, na tradição antiga, atende por outro à condição actual do homem. Sob o discreto modo de expor permanecem visíveis as relações com o cristianismo e as formas da poesia e do saber comum ou incomum.

Na advertência inicial, bem meditada, procurou o autor situar as principais noções que instruem a teoria e as fases do respectivo desenvolvimento, sugerindo como e porque, no princípio e no fim, a interrogação se assumiu e se reassume para estruturar-se como uma permanente autonomia de pensamento.”¹

O discreto texto tem como função orientar a atenção dos futuros leitores para o texto introdutório, e, assinalando a necessidade da sua meditada consideração, faz atentar às noções que “instruem a teoria” e às “fases do respectivo desenvolvimento” da obra, insistindo na anteposição da interrogação, “no princípio e no fim” do pensamento: não é a interrogação um modo, disposição ou momento do pensamento, mas é o pensamento que da interrogação recebe autonomia e capacidade estruturante.

Na “Introdução” são apresentadas as noções que estruturam as três partes da obra: “Do Enigma da Visão Unívoca”, “Da Cisão da Verdade do Ser” e “Da Verdade na Cisão”, dividida cada em cinco capítulos: as três “noções essenciais”: “visão unívoca”, “cisão” e “insubstantial substante”, são propostas nos capítulos inaugurais de cada parte, e as três “noções decisivas”: “interrogação fundamental”, “secreto e patente na cisão” e “liberdade divina”, desenvolvidas nos capítulos finais:

I Parte	II Parte	III Parte
Do Enigma da Visão Unívoca	Da Cisão da Verdade do Ser	Da Verdade na Cisão
I Da Visão Unívoca	I Da Cisão	I Do Insubstantial Substante
II Sentido do Enigma	II Cisão Autêntica	II Emergência do Amor e da Fé
III Trânsito e Recurso	III Cisão Extrema	III Emergência do Juízo e da Razão
IV Descoberta da Subjectividade	IV Cisão Divina	IV Compreensão Una e Omnimoda
V Interrogação Fundamental	V Secreto e Patente na Cisão	V Da Liberdade Divina

¹ No exemplar da edição original, publicada pela Guimarães & Editores, a badana da capa incluía o seguinte texto, provavelmente da autoria de Álvaro Ribeiro, um dos promotores da colecção “Filosofia e Ensaio”:

“Teoria do Ser e da Verdade – José Marinho, discípulo de Leonardo Coimbra na Faculdade de Letras do Porto, é uma das figuras mais destacadas e originais da filosofia portuguesa dos nossos dias. As ideias que no presente volume se desenvolvem, concretizam um pensamento poderoso e autêntico, destinado a ocupar no panorama filosófico da nossa época um lugar de justo relevo.

Assim esta obra breve, tão demoradamente elaborada perante a perplexa expectativa dos colegas, amigos e discípulos, vem por direito próprio enquadrar-se, com a sua singularidade, na colecção *Filosofia e Ensaio*.”

O texto da badana da contracapa, acima transcrito, apesar de não estar assinado, assemelha-se, em estilo e intento, aos escritos de Marinho.

Assumindo radicalmente a exigência de pura reflexão interrogativa, o discurso da Teoria não refere explicitamente temas e autores da tradição filosófica – excepto a indicação, na “Introdução”, de que “(...) a estática e dinâmica teorese aporta (...) a uma ontologia do espírito. A expressão ocorre no último livro de Leonardo Coimbra. Com sugestivo intento o mencionamos.”² –, mas constrói-se através de uma experiência pensante directamente exposta ao leitor, numa “ousadia intempestiva” que confronta “as condições do pensamento puro” e “as tendências adversas da filosofia no tempo em que fomos chamados a viver”.³

A Teoria não estabelece um nítido recorte das questões ontológicas relativamente às teológicas, cosmológicas ou antropológicas, nem separa os aspectos gnoseológicos dos estéticos e dos éticos, antes propõe, numa meditação de extremo rigor estilístico e filológico, dirigida ao íntimo do pensamento do leitor, reconstituir o sentido de noções fundamentais do vocabulário filosófico, como ser, verdade, subjectividade ou pensamento, e renovar o sentido de instâncias como Deus, Nada ou Natureza e de termos comuns, como amor, razão, compreensão ou liberdade.

Chamando de novo a atenção para aquela advertência liminar, o leitor que queira confrontar-se estritamente com o texto publicado por José Marinho poderá passar imediatamente à leitura da “Introdução” e iniciar-se directamente na “Teoria do Ser e da Verdade”, prescindindo ou postergando para futura ocasião o conhecimento da presente apresentação, pois esta visa sobretudo facultar os elementos de interpretação do extenso conjunto de textos inéditos que os três tomos deste volume intentam disponibilizar.

Destes, damos desde já uma visão de conjunto: o tomo I inclui o texto da obra tal como foi publicado em Fevereiro de 1961 pela Guimarães Editores, respeitando-se a paginação e a norma ortográfica originais; acompanha-o, em extra-texto, alguns trechos da versão dactilografada da obra, provavelmente aquela entregue à tipografia, na qual Marinho fez as derradeiras modificações.

O primeiro núcleo de textos inéditos neste tomo é constituído pelos textos destinados a “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade”, conjunto muito diversificado de escritos, que descreveremos à frente, redigidos provavelmente entre 1943 e 1947, e de que uma primeira tentativa de organização surgiu já no volume Significado e Valor da Metafísica e outros textos das “Obras de José Marinho”.⁴ Seguem-se vários outros conjuntos de textos inéditos: os fragmentos de um projecto inacabado, fracassado ou abandonado, sobre a História e Tempo, que denominámos “Sobre o Instante, o Tempo e a História”; um extenso conjunto de “aforismos” e de “artigos” que se encontravam inseridos nos conjuntos de manuscritos destinados à Teoria; e, finalmente, um conjunto de “Notas histórico-filosóficas”, tomadas ao longo da redacção da Teoria, nos quais se torna evidente o interesse de Marinho por diversos autores: Platão, Anselmo, Descartes, Espinosa, Leibniz, Berkeley, Kant e Schelling.

O segundo tomo apresenta o conjunto de textos que compõem o que caracterizámos como a “proto-versão” da Teoria⁵, destinados já a uma “Teoria do ser e da verdade”, organizados segundo uma estrutura de capí-

² *Infra*, p. 49.

³ *Ibidem*.

⁴ *Significado e Valor da Metafísica e outros textos [SVM]* (Volume III), Lisboa, INCM, 1996, pp. 396-501.

⁵ Também se refere tal conjunto como “proto-Teoria”.

tulos bem definida, mas diversa todavia da do livro publicado. Este estádio, que terá demorado entre 1947 e 1953, corresponde a uma maturação do exposto em “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade”, ainda que evidencie, sobretudo nas suas partes conclusivas, diferentes linhas de desenvolvimento que reflectem hesitações e indefinições no aprofundamento teórico. Tais dificuldades mostram-se sobretudo num conjunto de textos sobre o “sujeito da filosofia”, que se já não enquadra na estrutura da proto-versão e que irá provocar – propomos como hipótese – o abandono desse esquema e a emergência de uma nova disposição dos capítulos, a da versão definitiva.

O tomo inclui também um conjunto de “Textos de Síntese”, redigidos, ou no período de crise da proto-versão, ou após a assunção da estruturação de capítulos que prevaleceu na versão definitiva; relativos a esta, são apresentados os esquemas, anotações breves e os numerosos textos destinados ao texto introdutório, que recebeu diversas denominações: “prefácio”, “prólogo”, “advertência ao leitor”, “apresentação”, “introdução”.

Por fim, o terceiro tomo apresenta os textos, muito deles datados, redigidos entre 1953 e 1960, que permitem acompanhar a evolução genética de cada um dos quinze capítulos que compõem a versão definitiva da Teoria.

Para os leitores interessados no conhecimento dos textos inéditos, colocar-se-ão desde logo, tal como se puseram reiteradamente ao editor, as seguintes ou análogas questões: qual o interesse da disposição do material inédito que estes tomos facultam, que contraria, pela profusão documental, a natureza breve e sintética da obra publicada? Não dificultará ainda mais a interpretação de um texto assumidamente difícil a sua relativização genética?

Também o próprio Marinho se interrogou sobre a acessibilidade da Teoria, e isso mostra-se, não só na preocupação com o texto introdutório, repetidamente esboçado e reescrito, como acima assinalámos, mas na concepção de um “Livro Seguinte”, denominação ambivalente, pois indica o projecto de um texto explicativo da Teoria, concebido ainda durante a redacção da obra, mas que se transformou, após a publicação, no propósito de desenvolver algumas noções e passagens do livro que tinham colocado maiores dificuldades aos seus primeiros leitores⁶.

Decerto que a obra na sua versão publicada vale plenamente por si, ainda que a sua mesma excepcionalidade e estranheza, o seu difícil enquadramento no ambiente cultural em que surgiu, tenham dificultado a sua interpretação desde a publicação em 1961; por outro lado, o espólio de José Marinho, integrado no Arquivo de Literatura Portuguesa Contemporânea da Biblioteca Nacional, possui um extensíssimo conjunto de manuscritos (e alguns dactiloscritos), que permitem descobrir os caminhos de concepção ideativa e de estruturação das suas partes até o livro alcançar a estruturação definitiva dos capítulos e, estabelecida esta, reconhecer o minucioso aperfeiçoamento de cada um desses capítulos. São textos de natureza muito diversa: esquemas, notas e apontamentos, capítulos bem definidos e textos breves, escritos apenas esboçados ou plenamente desenvolvidos, uns completos, muitos fragmentados, alguns datados, a maior parte sem indicação da data de redacção, mas nos quais foi possível reconstruir de modo continuado os diferentes estádios de elaboração do livro, através da transcrição, extensa, ainda que não exhaustiva, dos textos redigidos entre 1943 e 1960.

⁶ Os textos relativos ao “Livro Seguinte” surgirão no Volume X das “Obras de José Marinho”.

A questão da publicação dos textos preparatórios permanece todavia: que interesse pode ter esse largo conjunto de inéditos que revelam estádios em que as características definitivas da Teoria, acima resumidamente apontadas, ainda não tinham sido assumidas ou totalmente desenvolvidas, isto é, que desvela o que se ocultou, mostra a incipiência das tentativas, os impasses na elaboração, numa palavra, o fabrico do livro? A publicação do livro não tornou inútil o conhecimento dos textos preparatórios, cuja apresentação relativiza ou mesmo desfigura o intento do livro, a sua realização singular? Ao dispor o extenso conjunto de textos preparatórios, perturba o editor, num fascínio voyeurista, a confiança que lhe outorgaram as indicações deixadas pelo pensador ao “futuro organizador dos meus papéis”?

A resposta que nos damos vai em sentido diverso: a apresentação destes textos não visa substituir ou relativizar o valor intrínseco do texto publicado, antes valoriza-o ao apreendê-lo na sua concretude última, na definição tornada irreversível pela publicação, ao mesmo tempo que radica na correspondência ao sentido de hermenêutica proposto por Marinho, de que damos aqui breve síntese.

Exegese, interpretação e hermenêutica

Em dois artigos, ambos denominados “Faltam intérpretes”, um publicado em 1957⁷ e o outro em 1964,⁸ e numa nota final de Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo⁹, Marinho desenvolve uma reflexão sobre as exigências de interpretação.

Enquanto no texto mais antigo a falta de intérpretes diz respeito sobretudo à filosofia e decorre de desatenção generalizada das exigências específicas postas pelos textos filosóficos, diversa da dos textos de natureza científica, e dos de carácter religioso, o escrito em 1964 estabelece com precisão uma diferença entre exegese e interpretação, para enunciar a exigência da hermenêutica.

Em primeiro lugar, a perspectiva do pensador sobre os textos escritos decorre de uma concepção de verdade em que o patente é correlato de um oculto ou de um secreto; significa tal correlação que há uma “distância intransponível” em todos os sinais humanos entre o patente e o oculto:

“Quem se propõe interpretar sabe que os textos escritos jamais são formas de patenteado pensamento. Quem escreve, sem dúvida torna patente. A palavra escrita, como a falada, consiste em «mostrar de algum modo fora», aquilo que é, ou foi, íntimo ou secreto. Desde aí, porém, a atribuir a um pensador, um poeta, um escritor de qualquer natureza, o poder de tudo exprimir quanto pensou vai a intransponível distância. É logo evidente que, sem tal distância haveria o compreender sem palavras ou a mera linguagem natural.”¹⁰

Interpretar significa atender e interpretar essa correlação presente em todos os sinais:

“As palavras são sinais para interpretar-se. Interpretar é (...) alcançar por via mais ou menos longa e laboriosa aquilo que não foi expresso, ou tudo quanto o autor não pôde comunicar directamente, mas é indispensável ter em conta para entender e compreender o que foi dito. (...) Interpretar não é apenas referir ou proclamar o preço, o valor ou julgar e decidir dele, como pensar não é apenas ponderar judiciosamente. Interpretar não é criticar, mas compreender.”¹¹

⁷ “Faltam intérpretes”, in *Filosofia Portuguesa e Universalidade da Filosofia e outros textos [FPUF]* (Volume VIII), Lisboa, INCM, 2007, p. 136.

⁸ “Faltam intérpretes”, *Chave*, 1.º ano, n.º 2, Maio, 1964.

⁹ Nota 3, in *Verdade, Condição e Destino*, Porto, Lello & Irmãos, 1976, pp. 288-290.

¹⁰ *FPUF*, p. 136.

¹¹ *Ibidem*.

A interpretação está em todos os actos cognitivos, quer na esfera do viver comum, quer na da apreciação estética, da psicologia ou do conhecimento da Natureza. Estabelecida a presença do pensamento na interpretação, Marinho distingue na interpretação exegese e hermenêutica “que têm a vantagem de distinguir o que no termo latino intérprete queda baço e indistinto.”

A exegese, mais apropriada a textos considerados exemplares, sagrados ou consagrados, à poesia, à mística, implica uma acção cuja iniciativa está na própria obra; solicitando ao intérprete uma atitude de receptividade compreensiva que atenda àquela “acção”, que é nela a “virtude de desocultar o seu sentido”, a exegese depende do poder revelador e criador que ficou inscrito na própria obra. Supõe assim no intérprete a fé autêntica, a admiração responsável, a simpatia e o amor pela obra, condições que permitem adequar-se à visão, à imaginação, à simbólica e ao pensamento que nela se traduzem. Compreende-se que a exegese também se aplique à “filosofia enquanto situamos esta num alto plano de valores espirituais”, pois não dispensa a inteligência e a lucidez, dispondo o sentido da obra interpretada na pluralidade das suas significações.

A hermenêutica dispõe-se ante a obra numa atitude totalmente diversa, pois reconhece nesta uma acção de ocultação da sua significação ou do seu sentido; a obra é considerada como algo cerrado sobre si e em si, em que o sentido não se oferece e as significações só parcialmente se patenteiam. A iniciativa em sede hermenêutica é do intérprete, a quem cabe “a responsabilidade de esclarecer o que está na sombra ou iluminar aspectos menos acessíveis”. A intenção hermenêutica é, assim, a de patentear o que é oculto, pois a “revelação da verdade ao homem, tanto na Natureza, como nas obras do próprio homem, é instantânea” e também para o intérprete trata-se de alcançar “subitamente o que não perdura”.

Ao invés da aproximação exegética, a hermenêutica exige do intérprete – suposto, contudo, “aquele mínimo de originária afinidade e convergência sem os quais não há pensamento autêntico” – um processo de distanciação e divergência. Ela é por isso mais apropriada às obras filosóficas, pois supõe uma formação tanto filológica como lógica – “entendemos uma lógica viva e não canónica formalista ou idealizada” –, mas a rigor não se restringe à filosofia, também o verídico conhecimento da Natureza a implica, ao invés das convicções iludidas da ciência. Qualquer forma de interpretação, em qualquer tempo e para qualquer forma de filosofia, supõe um de tais modos diferenciados “ou qualquer forma intermédia” entre a exegese e a hermenêutica.

Ora, retomando a reflexão sobre a publicação dos materiais inéditos relativos à Teoria, são as suas mesmas características, não apenas nestas a ocultação das referências históricas e temáticas, mas sobretudo a amplitude teórica do seu intento de realizar uma “ontologia do espírito” como expressão do “saber absoluto”, que solicitam, não tanto uma escolha, mas a confluência da exegese e da hermenêutica, de modo a considerar a Teoria como obra simultaneamente “exemplar” e “fechada em si”, mas em construção e animada por um diálogo com a tradição filosófica, não só portuguesa, mas europeia. Postos perante a extensa documentação recolhida no espólio¹², a perspectiva que tomámos procura desse modo conjugar o res-

¹² No inventário do espólio, realizado no âmbito do projecto “Estudo e Organização do Espólio de José Marinho” (PTDC/FIL/72787/2006), os textos relativos à “Teoria do Ser e da Verdade” correspondem a cerca de mil e quinhentas entradas de conjuntos de manuscritos.

peito pelo que se apresenta objectivamente, como totalidade da documentação disponível, e a necessidade de, interpretando o que nos textos inéditos ou publicados se recolhe das imponderáveis decisões do pensamento *in fieri*, organizar significativamente esse material.

Não cabendo nesta apresentação desenvolver a nossa interpretação do pensamento de José Marinho para lá da exposição dos resultados daquela conjugação da exegese e da hermenêutica, importa, todavia, enquadrar a redacção da “Teoria do Ser e da Verdade” no âmbito da vida intelectual e espiritual do filósofo, pois que por ela se poderá compreender algumas das características que singularizam a obra e o seu intento teórico.

“A verdade vivente”

Não mencionando outras obras da autoria do pensador, nem episódios biográficos que permitam circunscrever a actividade intelectual, explícita é apenas a indicação, já acima referida, de que a Teoria surge na sequência da “ontologia do espírito” anunciada na última obra de Leonardo Coimbra, *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre*, a “Introdução” da Teoria recapitula, de modo elíptico, o trajecto de pensamento do filósofo: tendo partido de uma “visão inicial de extrema e quase indizível simplicidade”, ele teve de defrontar-se com “a imensa complexidade do ser e do saber nas suas formas extremas contrapolares”; a obra pretende traduzir os “longos e brevíssimos anos de reflexão” que compõem uma “longa viagem, mas viagem insituada e permeada de suspensões e perplexidades”, “subtil viagem, não apenas da vida inteira, mas de cada instante do viver”, viagem de “anos de relutância e íntimos debates”, de ilusões e desenganos, mas também de encontros “com a diversidade dos caminhos dos pensantes.”

Que provocou tal viagem, a passagem do simples para o complexo? Que formas são estas “extremas contrapolares”? Em que âmbito houve que defrontar tal complexidade, no do “pensamento puro” ou no domínio das “tendências difusas” do pensamento contemporâneo?

Como acima indicámos, Marinho terá iniciado a redacção dos textos que este volume apresenta por volta de 1943, quando já se tinha instalado em Lisboa, denominando-a então “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade”; em finais do decénio de 40, o título da obra passa a ser “Teoria do Ser e da Verdade”, ainda que se tenha encontrado uma lista de obras a realizar que indica simultaneamente os dois textos; todavia, a partir de 1949, a redacção parece ter-se concentrado apenas na “Teoria”, que se terá prolongado até ao final de 1960.

Apesar de serem poucos os factos conhecidos relativos às circunstâncias da instalação de Marinho e de sua família em Lisboa, e sabendo-se sobretudo do seu empenho nesses primeiros anos em terminar a obra de *O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*, em germe desde 1934, é certo que “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade” (por vezes grafado em minúsculas) começa a ser redigido após Marinho ter abandonado a redacção de “Tentativa sobre o Conhecimento”¹³ e “Significado e Valor da Metafísica”, que foram os primeiros intentos de exposição extensiva do pensamento do filósofo após a suspensão da publicação, em 1932, de *Aforismos sobre O Que Mais Importa* e o empenho na redacção dos “Ensaios de aprofundamento” que o ocupou durante os anos 30.

¹³ SVM, pp. 43-83.

Todavia, se tomarmos em consideração os textos de teor autobiográfico de Marinho – sobretudo o escrito intitulado “Autobiografia Espiritual”, redigido no início da década de 60, inicialmente como complemento da edição de Aforismos sobre O Que Mais Importa, depois como texto autónomo, mas também os “prólogos” que preparou para o projecto de editar Aforismos e, sobretudo, muitos dos textos introdutórios destinados a “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade” e a “Teoria do Ser e da Verdade”, é possível conhecer a visão do próprio pensador sobre o seu percurso intelectual e o modo como nele se insere a Teoria.

Ora, e antes de mais, o intento da Teoria não se liga a nenhum daqueles textos – “Tentativa sobre o Conhecimento” e “Significado Valor da Metafísica” – redigidos no final dos anos 30, mas estabelece uma relação directa com Aforismos sobre O Que Mais Importa, com a qual define uma relação paradoxal de continuidade e de ruptura, a que uma passagem da “Introdução” de 1961 parece aludir:

“Num sentido, pode asseverar-se: nada mudou. O mesmo de que se parte, emerge no ponto de chegada. Noutra sentido, tão profundas foram as mudanças, tão decisiva a transmutação, que pode não sem fundos motivos perguntar-se como foi dado suportar a visão, ou na pensada e pensativa memória, no seio de tudo quanto se alterara.”¹⁴

Mas a que “transmutações” alude o filósofo, a que “mesmo”, inicial e terminal, se refere? A génese da Teoria começa num momento anterior à redacção dos textos que foram destinados aos “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade”, relaciona-se directamente, não apenas com Aforismos, mas com a “visão juvenil” que a obra aforística pretendia traduzir.

Para o podermos compreender, é necessário atender ao que nesses textos autobiográficos se esclarece sobre a experiência de pensamento, que é, antes de mais, a vivência filosófica do pensamento, porque o espírito é ele mesmo apreendido como vida, “a vida eterna, da qual não cabe dizer nem mortal nem imortal.”¹⁵ “Vida filosófica” possui diversos níveis de significação, mas indica desde logo a assunção de uma plena autarcia do pensar e a recusa do comentário adjacente:

“Só há uma maneira de saber filosofia: é filosofar. Decerto que nem todos podem ser “filósofos”, no sentido mais profundo do termo. A todos, porém, é dado filosofar, em graus diversos, e é isso que importa. Todos procedem, porém, como se estivesse perto de Descartes “contando” o seu pensamento, como quem conta uma história. Ora, está mais perto de Descartes, quem se lhe opõe, e até quem o ignorasse, se efectivamente pensa, se efectivamente descobre algum princípio de pensamento ou sequer encontra algum problema por si próprio e o debate com ardor e persistência, sem fadiga, ou vencendo toda a fadiga.”¹⁶

O critério de valoração próprio da filosofia é então “fazer pensar”:

“Uma filosofia (isto já foi dito mil vezes!) vale pelo volume e significação das afinidades ou contrastes que desperta. O valor do filósofo não é livresco, não é tumular. Filósofo é o que faz pensar, filosofia o que faz pensar. E que aí estejam os homens, mesmo cultos, e principalmente os cultos, sujeitos a engano, não há que admirar: pois também na ordem ética ou na religiosa vemos incessantemente renegado o justo ou o santo, louvado e seguido o hipócrita ou o tartufo.”¹⁷

¹⁴ *Ibidem.*

¹⁵ *Infra*, p. 75.

¹⁶ *Aforismos sobre o que Mais Importa [ASQMI]* (Volume I), Lisboa, INCM, 1994, p. 109.

¹⁷ “Autobiografia Espiritual”, *ASQMI*, p. 111.

E por isso as ideias são vivas, mas “de vida própria”:

“Que palavras usar para denunciar o engano por efeito do qual tudo se minora e corrompe? Acentuaremos que as ideias são vivas e que a filosofia é viva. Apenas, ao dizê-lo, cumpre evitar outra forma de simplismo que logo se vem instalar nas cabeças amantes da facilidade. As ideias são vivas e a filosofia é viva, mas de uma vida própria delas. E é esta vida que importa descobrir. Vida subtil, íntima, por isso em geral inapreensível.”¹⁸

Filosofia é o que faz pensar, o que, suscitando a distância e o contraste entre os pensadores, permite aproximá-los na sua relação com a verdade:

“O meu mestre Leonardo Coimbra, que foi um impenitente discursador, costumava repetir, citando-o, o pensamento de Plotino: dizia que “a filosofia é um facho que passa de mão em mão”. E por certo neste, como noutros pontos, se nota uma profunda relação. Pois também Plotino se encontrava rodeado de sábios pelos livros, de professores que recitavam.

Estava então longe a possibilidade de vivo diálogo, o qual só é possível entre homens diferentes que o amor da verdade torna intencionalmente iguais. Os políticos e os homens de acção nada pediam já à filosofia. Tinham acabado por interromper relações com ela e admitiam-na com a condição de não interferir com os interesses dos governados e com a sentida mas mal pensada exigência de governo forte. Como hoje a democracia alijada de sentido aristocrático que toda a vida em sociedade supõe ou necessita, ganhava em popularidade extensa o que perdia em nobre altura e o poder concentrava-se nas mãos de alguns ou de um. Assim, para evitar um mal, caem os homens noutros e a fatal distância reaparece entre o real e o ideal.”¹⁹

A vitalidade subtil da filosofia não é, por isso, nem restritamente existencial nem circunscritamente histórica, mas constitui no homem um “órgão de verdade”, noção que Marinho recolhe do ensinamento de Leonardo Coimbra. A filosofia é uma iniciação na vida do espírito, pelo que a tradição filosófica vale na medida em que surja como aberta relação à verdade:

“Quando referimos o significado e valor da tradição, entendemos, como é evidente, uma tradição viva: não pode esta transmitir ideias feitas, conceitos definitivos, razões indeclináveis. A tradição transmite, sim, a virtualidade incessantemente aberta de conferir o que foi aceite como verdade, com os renovados modos de apreender a mesma verdade, e o labor que requer compreendê-la e explicitá-la.”²⁰

E por isso escreve, numa das primeiras versões do “proémio” para os “Elementos para uma Teoria do Ser e da Verdade”:

“Se me situo entre os filósofos não o faço por vanglória ou para atribuir-me um título de nobreza. Faço-o por que a forma de pensar, senão a de crer e agir que é a minha, se aparenta à dos filósofos ou, pelo menos, a alguns deles. Com a maioria dos filósofos de hoje e com os dos tempos modernos tenho, no entanto, poucas relações de família. E não digo isso apenas dos menores, mas dos mais famosos também. Se, com efeito, a filosofia fosse apenas esta coisa humana, hipotética e problemática tão cultivada e prezada nos nossos dias, não valeria ela muito, nem até vejo possível compreender que tivesse nascido. Nem, analogamente, compreendo que o homem tivesse surgido apenas para ser o aperfeiçoado ou degenerado animal que dele alguns e muitos querem fazer. Receio, porém, que isto seja mal compreendido pelos leitores, se estes chegarem a lê-lo, pois o mesmo que digo, com diferente intento e significado, disseram e dizem outros.”²¹

Pensa o filósofo como se fosse “o primeiro e o último homem”:

“Chama-nos o espírito abscondido de que a filosofia se nutre para o princípio de todo o saber e para o seu fim, chama-nos como se fôssemos o primeiro homem que pensasse e como se fôssemos o último, chama-nos como se em nós pensassem e por nós todos os homens que foram, todos os que hão-de vir. E se tivermos de reconhecer que algo mais que homem se pensa no homem, teremos de, reconhecendo-o, prosseguir.

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ *ASQMI*, p. 112.

²⁰ *Filosofia. Ensino ou Iniciação?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, p. 66.

²¹ *SVM*, p. 393.

Nenhuma parcialidade, de nenhuma ordem, pode impedir o verídico pensador de conceber o que é tal qual é e compreender a verdade tal qual é como verdade. E se, repetimos, nesse intento, for dado reconhecer que o homem não é sujeito suficiente do seu pensamento e que, por consequência, algo mais que homem na filosofia pensa ou se pensa no filosófico pensar, teremos, depois de exame reiterado e sério, admiti-lo de uma vez por todas.”²²

A vida filosófica corresponde a uma certa prática de vida, entendida prática no sentido de uma vivência que tem em si o seu fim, opondo-se assim aos modos pragmáticos, que Marinho encontra supostos na teologia e na ciência, na política e também na arte, sempre relativos uma outra instância judicativa que não elas mesmas: ao invés, a prática de filosofia corresponde ao exercício de pensamento que toma “o que mais importa” como fim em si.

A centralidade do pensar, que faz do pensar o que mais importa, conduz a uma solitude convivencial, a um aparente distanciamento de tudo o que na existência dos homens toma valor. Mas se o pensador sabe que esta distância só é tal aos seus olhos humanos, pois é pelo espírito uma profunda comunhão pelo amor²³, ele não pode evitar reconhecer as dificuldades que tem de defrontar, pois a vida surge-lhe como uma série de contradições:

“Não seria tudo dizer que esta autobiografia espiritual nasce de uma contradição, falta acrescentar que ela assenta numa séria de contradições. Aqueles que nascem contraditórios aos próprios pouco lúcidos olhos ou aos alheios, conaturalmente forçados pelo íntimo processo que preside a todo o ser consciente a cobiçar o que não são ou o que não têm. Num caso, simulam então a harmonia que não possuem e fazem obras de ilusória beleza, que são com propriedade chamadas obras de arte ou de engenho, e poderiam também chamar-se obras de astúcia ingénua ou calculada. Noutros casos, fazem-se filósofos, entendendo por filosofia uma engenhosa maneira de pensar com coerência e rigor, adoptando como boa uma lógica ou sequer um método ilusoriamente tomado como definitivos.”²⁴

Num outro dos textos introdutórios de “Elementos”, o sério da vida esconde o seu fundo lúdico:

“Se, leitor, ao começares a ler este escrito, o achares difícil, que isso não seja motivo de desistires. Se és bom homem, se em qualquer plano de existência viveste a séria vida, sabes que tudo é difícil ao homem ou se lhe torna gradualmente difícil: assim o amor, assim a morte, assim a sabedoria, e tantas outras coisas, ia dizer tôdas – e até mesmo o que nas crianças é jôgo inocente. Pois que o simples jôgo infantil se torna no homem arte e ciência, política e guerra, decerto não o ignoras, e, se o ignoras, é boa ocasião de nisso meditates.”²⁵

Todavia, a consciência do claro raciocínio e do talento literário é inseparável da “treva inexplorada” que o pensador encontra em si mesmo:

“Pondo de parte toda a modéstia moeda já gasta, virtude viciosa, direi que nasci claro e simples no dizer e de estilo directo. O que nos outros é fruto de árduo estudo foi em mim conatural. Porque é então que me tornei difícil? Ai de mim! ninguém se torna difícil para os outros senão na medida em que é difícil para si. E a diferença que existe entre aquêle que é mais espontânea e facilmente claro e aquêle que como obscuro se apresenta, é que êste último não se resigna à clareza de primeiro plano e a tem como uma clareza provisória e operatória, que deixa no fundo da realidade e de si próprio, não direi só uma obscuridade de penumbra, mas a treva inexplorada.”²⁶

²² Jorge Croce Rivera, *A Doutrina do Nada – O Pensamento Meontológico de José Marinho*, dissertação de doutoramento em Filosofia, apresentado na Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1999. *Apêndice Documental*, vol. II, p. 112.

²³ Leia-se o último parágrafo da “Introdução” da Teoria: “Finalmente, pois que o autor tantas vezes experimentou não alegre afastamento e distância de tudo quanto constitui raiz e flor da vida, resta ainda lembrar no pórtico aquelas por que soube e sabe todo o subtil segredo da comunhão pelo amor.” *Infra*, p. 54.

²⁴ *SVM*, p. 330.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ *SVM*, p. 329.

Índice

Apresentação	7
--------------------	---

**Teoria do Ser e da Verdade
(versão publicada)**

Introdução	49
------------------	----

Parte I – DO ENIGMA DA VISÃO UNÍVOCA

I – Da Visão Unívoca	53
II – Sentido do Enigma	56
III – Trânsito e Recurso	59
IV – Descoberta da Subjectividade	62
V – Da Interrogação Fundamental	66

Parte II – DA CISÃO DO SER DA VERDADE

I – Da Cisão	71
II – Cisão Autêntica	74
III – Cisão Extrema	77
IV – Cisão Divina	81
V – Do Secreto e do Patente da Cisão	85

Parte III – DA VERDADE NA CISÃO

I – Do Insubstancial Substante	93
II – Emergência do Amor e da Fé	97
III – Emergência do Juízo e da Razão	102
IV – Compreensão Una e Omnímota	107
V – Da Liberdade Divina	111

Elementos para Uma Teoria do Ser e da Verdade

Esquemas	117
Texto Introdutório – I (Advertência ao leitor)	119
Texto Introdutório – II	122
Texto Introdutório – III	124
Texto Introdutório – IV	125
Tópicos	126
Texto Introdutório – V	127
Texto Introdutório – VI	129
Fragmentos para o texto introdutório	131
Desvalorização contemporânea da metafísica	134
Sobre a metafísica como conhecimento	137
Filosofia como amor da verdade	139
Enigma e sentido da interrogação	140
A metafísica	142
Sentido do enigma	143
A filosofia como metafísica	144
Sobre os estádios do saber e a ignorância	145
O que é a filosofia?	147
A ideia originária	149
A intuição originária	151
Sobre o ser	154
A verdade como ideia do ser claro para si	156
Sobre o conhecimento	158
A determinação do erro e o valor do simples	159
Do uno e da multiplicidade. Da verdade estável	160
Posso supor que nada fosse, que nada existisse	161

Posição do problema	165
O ser e o ser em nós	166
O uno é?	167
Se o ser é?	168
Sobre o primado da verdade	169
Identidade e diferença do ser e do pensamento	171
O conhecimento e a verdade	173
Da filosofia. Concomitância e compreensão do caminho	183
A ideia de verdade	185
Finitude e infinitude	187
Sobre o conhecimento	190
Dificuldades do mobilismo	193
A interioridade do ser no homem – I	195
A interioridade do ser no homem – II	200
O duplo zelo	202
O conhecimento e a cisão	204
Sobre a cisão	205
Sobre a experiência	206
Sobre o irracionalismo	211
A verdade e a dificuldade da filosofia	215
Da noção de limite	217
O limite como sinal do homem	224
Limite da cisão na existência do homem	225
Sobre o sujeito	226
Sujeito da filosofia	229
Absoluto e ser de relação	236
Sobre a origem	238
Sobre a relação à origem	240
Sobre a origem – I	244
Sobre a origem – II	246
Dois sentidos da relação à origem	247
Sobre a queda	248
Ser e verdade, ser e saber. Conexão dos problemas	249
Relação do ser e da verdade	251
Sobre o ser como ser	254
Ser e relação	256
Causa e relação	257
O mesmo e o outro. A alteração e a relação	259
Como compreender que o ser se altere?	261
O ser da verdade e a dedução	263
Alteração – I	264
Alteração – II	265
A relação entre o saber do nada e o nada de ser	267
Sobre a localização do Nada	268
O Nada e o homem	269
Sobre o não-ser	272
Ser e relação unificante	274
A cisão em todas as formas de ser	276
Sobre a vivência dos correlatos	277
Esquecimento e memória – I	280
Esquecimento e memória – II	282
Sobre o fundamento	283
Do fundamento – I	288
Do fundamento – II	293
Do fundamento – III	294
Do fundamento – IV	296
Do fundamento – V	297
Humanismo e fundamento	298
Trânsito da noção de fundamento à noção de princípio	299
Crítica do juízo de forma positiva: «é bom!»	300
Do juízo que se nega a si	301
Sobre a cisão no juízo	302

Liberdade em relação a Deus e em relação à Natureza	307
Fundamento da liberdade	308
A relação na liberdade	314
Liberdade como relação no ser	317
Sobre a diferenciação – I	320
Sobre a diferenciação – II	321
Sobre a inalienável liberdade	323
Sobre o homem e o conhecimento da verdade	324
Sobre o homem	326
Amor e conhecimento – I	327
Amor e conhecimento – II	328
Anotações sobre o amor	329
Justificação do amor	330
Sobre a compreensão – I	331
Sobre a compreensão – II	335
Sobre a compreensão – III	337
O destino pragmático do cristianismo	339
O ser do homem e a acção	342
Da acção	346
Sobre o valor da acção	349
Elementos para uma Teoria da Acção	350
Para a Teoria da Acção	354
A acção como relação	356
Sobre a acção – I	357
Sobre a acção – II	358
Elementos para uma teoria política	360
Sobre o fundamento da moral e da política	362
Ética	363
Trilogia sobre o conhecimento, a liberdade, Deus	364
Sobre o cristianismo e o pragmatismo	365
Sobre o religioso no homem	369
Sobre a refutação do ateísmo	371
Sobre o ateu	373
Sobre o ateísmo – I	374
Sobre o ateísmo – II	376
Do ateísmo em relação ao cristianismo – I	377
Do ateísmo em relação ao cristianismo – II	379
Do ateísmo em relação ao cristianismo – III	380
O ateísmo e o destino do cristianismo – IV	381
O ateísmo e o destino do cristianismo – V	384
Sobre a condição do homem e o seu destino	386
Tempo, história, antropologia – I	388
Tempo, história, antropologia – II	391
Tempo, história, antropologia – III	393
Conclusão – I	395
Conclusão – II	400

Sobre a História, o Tempo e o Instante

Índice de <i>O Tempo do Homem</i>	405
Sobre o tempo e a história	406
Advertência ao leitor	408
Tempo e História	410
O homem e o Tempo	412
Do Tempo	413
Ilusão e realidade do Tempo	415
O Tempo como falácia	416
Sobre a falsa temporalidade	417
Relação do instante e da Eternidade	418
Relação do instante	419
Sobre o Tempo – I	421

Sobre o Tempo – II	425
Sobre o Tempo – III	426
Sobre o Tempo – IV	427
Sobre o Tempo – V	428
Sobre o Tempo – VI	429

Aforismos

Aforismos – I	433
Aforismos – II	441
Aforismos – III	443
Aforismos – IV	447
Aforismos – V	449
Aforismos – VI	451
Aforismos – VII	454
Aforismos – VIII	457
Aforismos – IX	460
Aforismos – X	464
Para “Aforismos” (Aforismos – XI)	466
Aforismos – XII	469
Aforismos – XIII	473
Aforismos – XIV	482
Aforismos – XV	486
Novos Aforismos (Aforismos – XVI)	491

Artigos

Sobre a urgência de virar de rumo – I	495
Sobre a urgência de virar de rumo – II	499
Meditação não pragmática	501
Sobre a transcendência	503
Sobre a suficiência do espírito	505
Sobre a moral	508
Sobre o conhecimento do passado	509
Sobre a fé implícita	510
Sobre a crença	511
Sobre o ateísmo	514
Sobre o conceito de irracionalismo	516
Ciência e cientismo	519
Sobre a intuição	520
Cogito, ergo sum	522
Do equívoco da razão	523
Da teoria e do teórico	525
Do juízo	527
Situação do homem	529
Cindir para unir	532
Da situação crucial	533
Do estático e do dinâmico	534
Do juízo pervertido	536
Sobre o homem revoltado	538
Da crise do nosso tempo – I	540
Da crise do nosso tempo – II	542
Filosofia e linguagem	543
Sobre o alcance da autêntica filologia	545
Filosofia e filologia	551
Da Hermenêutica	553
Exercício filológico	567
Sobre a reforma ortográfica	569
Situação paradoxal do português	570
Da compreensão dos diferentes	571
Da pluralidade lógica	573

Do Paradoxo Metafísico	575
Sobre a metafísica	580
O mesmo e o outro	582
Sobre o pensamento. O mesmo e o outro	584
Absoluto e relação	585
Que querem os idealistas?	587
Sobre a vida como mistério	588
Imaginação e liberdade	589
Da Liberdade – I	592
Da Liberdade – II	594
Da redescoberta da liberdade	599
Tradição e liberdade	602
Da liberdade no mundo	606
Liberdade e jogo	609
Indivíduo e pessoa	612

Notas Histórico-Filosóficas

Trechos da <i>Metafísica</i> de Aristóteles	619
Sobre a gnoseologia de Platão e a concepção medieval de Deus	620
Para a tradução do <i>Proslogion</i> de Santo Anselmo	
Advertência ao leitor I	622
Advertência ao leitor II	623
Capítulo VI	625
Capítulo VII	626
Anotações sobre Duns Escoto	627
Apontamentos de tipologia	628
Sobre Descartes	629
Sobre a concepção monadológica	631
Notas sobre a relação Descartes-Leibniz	633
Caderno de Apontamentos – I	636
Caderno de Apontamentos – II	645
Reflexão sobre uma leitura espinosista	657
A Teoria do Ser e da Verdade e a <i>Ética</i> de Espinosa	661
Trechos do <i>Discours de la Métaphysique</i> de Leibniz	662
Trechos do <i>Treatise ...</i> de Berkeley	663
Nota sobre Kant	664
Apontamento sobre Kant	670
Para uma nota (Schelling)	671
Trecho de obra sobre Nietzsche	673
Anotações de leitura de <i>Les étapes de la philosophie mathématique</i> de Léon Brunschvicg	674